

NOVA CULTURAL

obra n. "APATRIDAS E PATRIOTAS" II	matéria	página	visto	lenda n.º
	redator/editor Vilém Flusser (autor)			1

1 Nem todos temos pátria, mas todos moramos. Os clochards, sob as pontes de
2 Pris; os nordestinos, nas favelas paulistanas; os ciganos, nas caravanas, -
3 e embora seja difícil admiti-lo, morava-se em Aushwitz. Porque o homem é
4 bicho que não pode viver, se não mora. Há várias maneiras de se formular
5 tal impossibilidade, mas a formulação informática é a menos sentimentali-
6 zante. Para captarmos informações, devemos dispor de redundâncias, porque
7 sem redundância, tudo que se capta não passa de ruído. E não é possível
8 viver-se em mundo ruidoso, no cáos. A morada é a redundância que me per-
9 mite captar informações, como também de criá-las a partir dos ruídos. Não
10 morar, estar no cáos, é loucura que leva ao aniquilamento.
11 Fiz casa em Robion, para nela morar. Em seu núcleo, está minha escrituri-
12 nha habitual com a habitual desordem de papéis e livros. Em torno à casa,
13 está a aldeia à qual me habituei, com seu correio, suas lojinhas, seu ca-
14 fé, que se tornaram familiares para mim. Em torno de Robion, aqui e agora,
15 ~~me~~ vislumbra^{se} ambiente cada vez mais in-habitual, quanto mais me afasto do
16 centro: a Provence, a França, a Europa, o Globo, o Universo em expansão,
17 os abismos do Nada; o Ano passado, as Pátrias perdidas, os abismos da His-
18 tória, da Pré-história e os da Origem; o próximo Ano, o Futuro aventureiro
19 que se aproxima, o abismo do Futuro longínquo e o da Eternidade. Estou
20 imerso em hábitos, em costumes, em redundâncias: moro. Assim, permito-me

tipo	corpo	medida	observações

obra n°	matéria	página	visto	lenda n°
	redator/editor			2

1 captar informações e produzir informações com os ruídos que se apresentam.

2 A dialética entre Robion e o mundo, entre o habitual e o aventureiro, entre

3 o privado e o público é o que Hegel chamou de "consciência infeliz", ou

4 seja, a consciência humana. "Se ganho o mundo perco-me, e se me ganho, perco

5 o mundo". Não posso insistir em Robion, sob pena de perder o mundo. Se

6 estou no mundo, é porque moro e não insisto. O perigo da "abertura" é a

7 perda da morada, a "senilidade", a perda da viagem. Ambos devem ser resis-

8 tidos. [Mas além da dialética externa entre morada e mundo, há a dialética

9 interna da morada. O costume que permite perceber informações passa, êle

10 próprio, desapercibido. O habitual, que permite transformar ruídos em in-

11 formações, não informa. Percebo em minha escrivania apenas os papéis e

12 livros que chegaram pelo correio, mas não a desordem habitual que sobre

13 ela reina. O hábito é camada de algodão que encobre os fenômenos e ameniza

14 as rebarbas. Os fenômenos habituais não são "problemas". Para percebermos

15 algo, é preciso que não percebamos algo outro.

16

17 Um excuro à estética para o famoso ciclo "feio-belo-bonito-feio": todo

18 ruído que penetra meu hábito ^{é "feio" ;} passa a ser "belo" quando transformado em in-

19 formação; a ser "bonito", quando integrado aos hábitos nos quais moro; fi-

20 nalmente passa a ser "feio", quando é expulso como refugo. Tal ciclo estê-

tico (de "aisthestai": perceber, vivenciar) ilumina a dialética interna

tipo	corpo	medida	observações

obra n.º	matéria	página	visto	lauda n.º
	redator/editor			3

1 da morada. Mas permite também distinguir entre morador e patriota.

2 O patriota confunde pátria com morada. A pátria prende com mil fios mis_

3 teriosos; fecha a entrada ao ruído, portanto, ao "belo"; o patriota, como

4 todo morador, vivencia sua morada como sendo "bonita"; não tendo experiên_

5 cia com o "belo"; confunde boniteza com beleza, julgando "bela" a pátria. O

6 patriotismo é sintoma de enfermidade estética, porque transforma o hábito

7 em algo misterioso.

8 O patriota pode cometer crime ético-político ao santificar o costume.

9 Tenho experiência disso toda vez que volta^{C/} a São Paulo: para quem nela

10 mora, a cidade é necessariamente "bonita"; para quem mora alhures, é "feia",-

11 isto é, desafio para que se transforme em "bela"; mas para o patriota, São

12 Paulo é "bela". O costume mistificado encobre a feiura,- como, por exemplo,

13 a das crianças famintas nas favelas ~~des~~quinas. Toda vez que volto, a apa_

14 rente insensibilidade me choca. O choque dura duas semanas, depois me acos_

15 tumo: moro novamente em São Paulo. O costume "patriotizado" é crime ético-

16 político, ou seja, um "pecado" que o patriotismo glorifica. Confundir mo_

17 rada com pátria, costume com mistério, eis o que me parece ser o núcleo

18 do patriotismo.

19

20 Na so^{Lo}ciologia, o mistério dos fios que me prendem à pátria é chamado "cô_

digido social" e os sociólogos parecem afirmar que pode ser decifrado.

tipo	corpo	medida	observações

obra n°	matéria	página	visto	folha n°
	redator/editor			4

1 Todo habitante de toda pátria deve aprende-lo, e os ritos iniciáticos
 2 nas sociedades primitivas parecem comprova-lo. Aprendemos aparentemente
 3 as regras do nosso comportamento com as pessoas e as coisas da pátria, e
 4 quem as aprendeu, seja sociólogo ou migrante, pode participar do misté-
 5 rio, ser patriota. [A afirmação é enganosa, pois a realidade é outra.
 6 O código social que rege o comportamento dos patriotas não é composto por
 7 regras conscientes, mas de regras habituais que foram santificadas. Quem
 8 segue tais regras não está consciente disso, pois ^{as} segue por hábito. E
 9 se consegue conscientizar as regras, não mais está integrado. A percepção
 10 do mistério, destroi o mistério, porque revela sua banalidade.
 11 Assim, não é possível querer aprender o mistério da pátria para nela se
 12 integrar. O migrante não pode viajar de pátria em pátria munido de chaves
 13 que as decifrem, porque seria preciso, primeiro, aprender as regras, e
 14 depois, esquece-las. Por certo, o migrante pode forçar a fechadura e in-
 15 vadir a pátria dos outros, mas então não será patriota, porém, imigrante,
 16 isto é, será "feio", será ruído para o nativo. (o "bonito" que se toma por
 17 "belo") E se o imigrante fizer o esforço de aprender o segredo do nativo,
 18 procurando "naturalizar-se", será mais "feio" ainda. Pois nada é mais es-
 19 tranho, e, portanto, "feio", para o nativo do que querer decifrar o seu
 20 segredo (que ele próprio ignora) ~~ou descobrir~~ e revelar-lhe sua banalidade.

tipo	corpo	medida	observações

obra n.º	matéria	página	vista	linda n.º
	redator/editor			5

1 No entanto, da luta entre a "beleza" do nativo e a "feiúra" do imigrante pode
 2 surgir situação nova. Ambos serão alterados e a mútua alteração pode re-
 3 sultar em novo nó górdico, em novo segredo. Em poucas palavras, é a his-
 4 tória da América, e provavelmente a de todas as pátrias não "primitivas".
 5 Eu próprio estive engajado em tal luta capaz de produzir novo segredo,
 6 (nova pátria) no Brasil, durante muitos anos. Mas, enquanto não tiver
 7 êxito a síntese entre nativo e imigrante,- algo que nem sempre acontece-
 8 isto não será motivo para regozijo. Terá apenas surgido mais uma pátria,
 9 com seus preconceitos, sua banalidade e com seus fios a prenderem mais
 10 patriotas, impedidos de uma autêntica liberdade e responsabilidade.
 11 Nós, os migrantes, somos gente que não participa de segredos desta ordem,
 12 embora restos de tais segredos continuem amontoados nos cantos obscuros
 13 de nosso inconsciente. Por não termos segredos, somos transparentes para
 14 os nativos. Somos janelas através das quais os nativos podem ver o resto
 15 do mundo. Mas o fato de termos que viver em evidência é perturbador para
 16 os nativos: somos janelas que "mostram" e "que se mostram", ou seja, somos
 17 "monstros".
 18 A nossa "feiúra" não é somente o resultado de perturbamos hábitos, mas o
 19 é, muito mais, por sermos evidentes. Os maghrebinos em Marseille, os nor-
 20 destinos em São Paulo, os ciganos e judeus por toda parte são insuporta-
 velmente "feios" porque fornecem a evidência de que a "normalidade" do

tipo	corpo	medida	observações

obra n°	matéria	página	visto	lauda n°
	redator/editor			6

1 nativo não é a norma absoluta, mas relativa a outras normas.

2 No entanto, na época atual, em que os "monstros migratórios" começam a

3 formar a maioria da sociedade (não apenas na África faminta e sedenta,

4 mas igualmente na América faminta de sensações e sedenta de aventuras),

5 está surgindo nova luta entre nativo e migrante, da qual é possível que

6 surja novo tecido social, cujo segredo se aproxima mais do mistério de

7 que fala Platão e o judeo-cristianismo que do mistério patriota. Na me-

8 dida em que as infra-estruturas socio-econômicas das pátrias vão desmo-

9 ronando, e os fios da revolução informática vão se tecendo, está surgin-

10 do sociedade pós-neolítica, que não mais terá pátrias, porque morará para

11 além da geografia. Nós, os migrantes atuais, temos a responsabilidade

12 pela edificação de tal sociedade. Para tanto, devemos primeiramente erra-

13 dicar os preconceitos que ainda ~~se~~ ^{em nós} se ancoram para depois tentarmos

14 penetrar os preconceitos dos nativos, a fim de tecermos, junto a êles,

15 os novos fios da nova sociedade. A tarefa não é desesperada, pois os

16 nativos já não o são tão desesperadamente como o eram seus pais. E se

17 conseguirmos tal feito,

18 nós, os migrantes, com êles, os nativos, em colaboração responsável,

19 teremos construido morada que permitirá a transformação de feiura

20 em beleza.

*** **

tipo	corpo	medida	observações